



O Facebook no processo ensino-aprendizagem da Geografia

Marta Ramos
Professora do EBS
martadanielaramos@gmail.com

Como citar este artigo:

Ramos, M. (2017). O Facebook no processo ensino-aprendizagem da Geografia. *Revista de Educação Geográfica | UP*, n.2, outubro, p. 59-69. Universidade do Porto

ISSN

2184-0091

DOI:

<https://doi.org/10.21747/GeTup/2a6>

Secção: Intervir

Resumo: Considerando que nos encontramos inseridos na designada 'sociedade da informação' e, no seu seguimento, numa conjuntura em que há um crescente uso das redes sociais pela sociedade e pelos jovens, propusemo-nos averiguar a possibilidade de utilizar o Facebook como uma estratégia educativa alternativa.

Deste modo, apresenta-se uma discussão sobre o uso de redes sociais de forma a complementar o ensino presencial, envolvendo um estudo levado a cabo em turmas do 3.º ciclo de uma escola do Grande Porto, procurando-se explorar as potencialidades do uso do Facebook no processo ensino-aprendizagem da Geografia.

Os resultados obtidos, através da aplicação de inquéritos por questionário aos alunos e análise do registo das suas atividades na página do Facebook criada para o efeito, permitem concluir que as ferramentas disponíveis proporcionam a partilha de informação e facilitam a comunicação e interação alunos-professor, contribuindo para o aumento da motivação e melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino da Geografia, Tecnologias de Informação e Comunicação, Redes Sociais, Facebook.

Abstract: Considering that we are embedded within the so-called 'information society' and, in its follow-up, in a scenario in which there is a growing use of social networking by society and young people, we propose to determine the possibility of using Facebook as an alternative educational strategy."

Therefore, a discussion is presented about the use of social networking to complement the in situ education, involving a study carried out in '3rd cycle' classes of a school of Porto's district, seeking to explore the potential of use of Facebook in the Geography teaching and learning process.

The obtained results, from the surveys carried out, based on a questionnaire to pupils and the analysis of the Facebook activity report created for this purpose, allow nonetheless to conclude that the tools readily available provide the information sharing and facilitate the communication and pupil-teacher interaction, adding to a motivational increase and an improvement of the teaching and learning process.

Keywords: Geography teaching, Information and Communications Technology, Social Networking, Facebook.

1. Introdução

A vida profissional é cada vez mais informatizada, as tecnologias são cada vez mais determinantes e estão cada vez mais difundidas na vida quotidiana (nos eletrodomésticos, nos automóveis, nas lojas, nas bibliotecas, nos museus, nos bancos, entre outros), as fontes de informação são cada vez mais variadas, pelo que a escola não pode alhear-se destas mudanças que acontecem a um ritmo alucinante.

Desta forma, desde que se vulgarizou o uso dos computadores e da internet, também o uso das tecnologias passou a integrar os métodos de trabalho dos docentes e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos. Nem se esperaria outra coisa, uma vez que, como salienta Castells (2003, p.8), ser excluído da internet e das redes de computadores é "sofrer uma das formas mais danosas de exclusão...em nossa cultura". Assim, nas escolas, as TIC são atualmente decisivas, fazendo "equacionar não só o que hoje é importante aprender mas também os modos como se realizam essas aprendizagens" (Amante *et al.*, 2008, p.99).

O desenvolvimento dos *media* ampliou as fontes de saber e permite a utilização de estratégias pedagógicas mais cativantes relativamente às tradicionalmente adotadas pelos professores.

Como tal, tornou-se quase indispensável o uso dos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem, o que é ainda mais relevante na Geografia. De facto, "o desenvolvimento das novas tecnologias não diminui em nada o papel dos professores; mas modifica-o profundamente e constitui para eles uma oportunidade que devem aproveitar (...) Torna-se, de algum modo, parceiro de um saber coletivo, que lhe compete organizar" (Delors *et al.*, 1996, p.165-166).

Mais ainda, de acordo com os dados disponibilizados pela *Pordata*¹, em 2015, 71% dos agregados domésticos portugueses tinham computador - contra 82% da média europeia - e 70% tinham ligação à internet em casa, correspondendo a 83% da média europeia. De referir ainda que, de acordo com a mesma fonte, são os mais jovens² que mais acedem à internet. Como os dados comprovam, os jovens vivem hoje na 'Era Digital' e, como tal, a escola não pode desconsiderar essa realidade devendo fazer uso de toda uma gama de possibilidades inovadoras que a evolução tecnológica disponibiliza.

¹ Disponível em <http://www.pordata.pt/Portugal/>
Acesso em 30/03/2016.

² Encontrando-se dados disponíveis apenas a partir dos 16 anos, salienta-se que 99,3% dos jovens dos 16-24 anos acede à internet.

As redes sociais, em geral, e o *Facebook*, em particular, estão cada vez mais presentes na vida dos jovens. Se a escola muda mais devagar do que a sociedade, tendendo a manter ‘preconceitos’ sobre o que são considerados materiais e estratégias de ensino, é importante que, enquanto local privilegiado (embora não único) de aprendizagem, faça um esforço por se ajustar às mudanças. É necessário ensinar a aprender na sociedade da informação, pelo que cabe à escola a responsabilidade de facultar aos alunos os instrumentos e técnicas que lhes permitam seleccionar e hierarquizar as informações, podendo a Geografia nesta conjuntura assumir um papel preponderante. De facto, parafraseando Silva & Ferreira (2000, p.106),” a Geografia está a dar oportunidade aos alunos para estudarem as mudanças que vão ocorrendo no mundo à sua volta e de interagirem conscientemente com essas mudanças”.

Tendo estas ideias em enfoque, aliadas à vontade em partilhar com os alunos notícias e informações de interesse geográfico com as quais nos ‘cruzamos’ diariamente, assim como no sentido de aproximar a Geografia ao seu dia a dia em sala de aula, criamos uma página do *Facebook* como complemento para as aulas presenciais, avaliando-se o seu potencial como prática pedagógica inovadora passível de despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos geográficos e pela disciplina e, assim, facilitar e melhorar o processo ensino-aprendizagem, contrariando o desgaste provocado pela rotina das atividades da escola. De facto, pensamos que as tecnologias à nossa disposição, quando bem utilizadas, melhoram a qualidade pedagógica e proporcionam uma melhor compreensão e consolidação das aprendizagens formais dos alunos.

No entanto, é importante não esquecer que embora as redes sociais possam ser utilizadas com fins educacionais, estas não foram criadas para esse efeito, pelo que é um desafio para o professor saber aproveitar as potencialidades destas *interfaces* para o processo ensino-aprendizagem. É um facto que estes espaços sociais informais, tal como referido por Pereira & Silva (2009, p.5410), “associados a um conjunto de hábitos comunicativos facilitados pela tecnologia têm vindo a alargar as fronteiras dos locais passíveis de se tornarem espaços de aprendizagem (...)”.

Na perspectiva de investigar sobre a prática, a metodologia seguida desenvolveu-se em quatro etapas. Em primeiro lugar, aplicamos inquéritos por questionário aos nossos alunos dos diferentes anos de escolaridade do 3.º ciclo do Ensino Básico regular, para aferir o gosto pela disciplina, a sua relação com a Internet e as redes sociais, assim como a sua opinião sobre o impacto facilitador ou agravante da utilização do *Facebook* enquanto instrumento integrante do processo ensino-aprendizagem. A partir destes dados, ficou para nós evidente que, como ponto de partida, estavam reunidos recursos físicos e humanos suficientes para colocar em ação esta experiência educativa, uma vez que quase a totalidade dos alunos possuía equipamento com acesso à internet em casa, permitindo abrir o leque de oportunidades de aprendizagem noutra espaço para além do escolar. Tendo presente os pressupostos já mencionados, procedeu-se à publicação de conteúdos e desafios na página do *Facebook* criada para o efeito, avaliando-se os registos de atividade dos alunos. Posteriormente, aplicou-se um inquérito final por questionário aos alunos, remetendo para a sua participação individual no *Facebook* (na página criada pela professora de Geografia), com o intuito de perceber o grau de satisfação com a mesma. Por último, procedeu-se à análise e interpretação dos resultados obtidos através dos vários instrumentos utilizados nesta investigação.

2. Apresentação, objetivo e relevância do estudo

Este estudo envolveu um procedimento de investigação centrado numa experiência educativa aplicada durante parte do ano letivo de 2015-2016. Como afirma Ponte (2002, p.3), “a investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento [pelo que a investigação sobre a sua prática] é uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos docentes que nela se envolvem ativamente”.

Sabendo que esta geração é uma geração de ‘nativos digitais’³, que utiliza o meio digital para

³ O conceito “nativos digitais” foi criado por Prensky (2001, p.1): *What should we call these “new” students of today? Some refer to them as the N-[for Net]-gen or D-[for digital]-gen. But the most useful designation I have found for them is Digital Natives. Our students today are*

comunicar e para estabelecer relações interpessoais, consideramos que o seu uso como recurso pedagógico poderia contribuir para o aumento da motivação dos alunos para as temáticas lecionadas em sala de aula. Nesse sentido, esta experiência educativa poderia despertar a curiosidade geográfica, promover a associação dos acontecimentos aos lugares, promover o conhecimento do Mundo e ser facilitador da aprendizagem da Geografia.

Tendo isto presente, este estudo tem como principal objetivo identificar o potencial pedagógico do *Facebook* - a rede social com maior número de utilizadores no mundo e em Portugal⁴ - no 3.º ciclo e indagar se a sua utilização pode ser uma experiência educativa capaz de motivar os alunos para a disciplina, visando a formação de “cidadãos geograficamente competentes”, de forma a contribuir para o seu sucesso educativo e, nesse caso, ser utilizada por outros professores como mais um instrumento que poderá melhorar as suas práticas pedagógicas.

A utilização do *Facebook* como apoio e complemento às aulas permite difundir a sala de aula para um contexto que é atualmente muito familiar aos alunos, pelo que é previsível o aumento da probabilidade da sua aceitação e participação. Na verdade, a popularização do seu uso entre o universo jovem parece-nos ser a principal vantagem relativamente a outras plataformas de aprendizagem que, embora não ainda de forma generalizada, são utilizadas na escola, como é o caso da plataforma *Moodle*.

Como tal, encetamos este estudo para averiguar o grau de adesão dos alunos a este tipo de experiência e ferramenta educativa, que corresponde a um meio de comunicação, interação e partilha de documentos/notícias de âmbito geográfico e de materiais didáticos. Desta forma, também pretendemos dotar os alunos de competências para que saibam utilizar correta e

criticamente a informação que lhes chega dos *media*, algo igualmente importante até pelo seu contributo para a ‘formação ao longo da vida’, após saída da escola.

Desta forma, no início do segundo período letivo, foi criada uma página no *Facebook* com o nome ProfMarta Ramos, fechada ao público em geral, mas aberta aos alunos das nossas 4 turmas do 3.º ciclo do Ensino Básico do ano letivo 2015-2016 (figura 1) da Escola Básica e Secundária de Lordelo.



Figura 1 - Aspeto da página inicial criada no *Facebook* (do ponto de vista do Público)⁵

Posteriormente, ao longo do mês de janeiro, foram definidos três grupos (fechados) correspondentes às turmas envolvidas na experiência (7.º ano, 8.º ano e 9.º ano), nos quais foram inseridos como “amigos” os respetivos estudantes (figura 2). Nestes grupos aparecem, na parte superior da página, os separadores padrão, designadamente ‘discussão’, ‘membros’, ‘eventos’, ‘fotos’ e ‘ficheiros’. O separador ‘discussão’ apresentava ainda a funcionalidade de comentar, inserir fotos ou vídeos, fazer sondagens ou anexar ficheiros. De referir ainda a possibilidade de integrar um separador para ‘conversas de grupo’, bem como a hipótese dos alunos recorrerem à ‘mensagem privada’.

Refira-se, ainda, que a adesão à página não assumiu carácter obrigatório, em virtude do público-alvo ser jovem, menor de idade e, como tal, potencialmente menos cuidadoso no uso que faz das redes sociais. Para além disso, pretendíamos que os fatores ‘espontaneidade’, iniciativa e curiosidade também estivessem presentes. Todavia, é de referir que esta ‘não obrigatoriedade’ trouxe constrangimentos aquando

all “native speakers” of the digital language of computers, video games and the Internet.

⁴ De acordo com a informação estatística do *Facebook* (<https://newsroom.fb.com/company-info/>), o número de utilizadores diários desta rede social em junho de 2016 era, em média, 1,13 biliões, estando em Portugal contabilizados cerca de 4,7 milhões utilizadores (<https://facestore.pt/estatisticas-facebook.php>) Acesso em 15/08/2016.

⁵ Para manter a privacidade dos mesmos foram ocultados da figura 1 os “Amigos”.

do recurso a atividades/desafios a incluir em avaliação contínua.



Figura 2- Aspeto do grupo fechado do 7.º ano

Muitos dos alunos não aderiram de forma imediata, pelo que o total de 'amigos' só foi aumentando à medida que ia avançando o ano letivo. No entanto, o nosso estudo abrangeu 84% dos alunos da nossa amostra base (quadro 1).

Grupo	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total
N.º de alunos da turma(s)	16	27	42	85
N.º membros ⁶	16	25	30	71
Relação entre os membros e o total de alunos da turma(s) (em %)	100%	93%	71%	84%

Quadro 1 – Relação entre o n.º de membros dos grupos fechados na página ProfMarta Ramos e o total de alunos nos diferentes anos de escolaridade.

Esta plataforma foi utilizada para publicar notícias/imagens/fotos/vídeos relacionados com conteúdos programáticos, divulgar informações e partilhar fotografias relativas a eventos (visitas de estudo ou outras atividades extracurriculares), informar/relembrar trabalhos de casa ou material de aula extra necessário para a aula (presencial) seguinte, relembrar prazos de entrega de trabalhos, fazer avisos, inserir ficheiros relacionados com os conteúdos programáticos, divulgar conteúdos/objetivos a atingir para as provas de avaliação escrita e para trocar mensagens, possibilitando o atendimento *online* aos alunos e o esclarecimento de dúvidas. Por sua vez, os alunos podiam reagir às publicações, comentar, colocar questões/ dúvidas e partilhar documentos de interesse geográfico.

⁶ Excluiu-se da lista a administradora da página.

3. Desenvolvimento do estudo e análise dos resultados

Considerando que as potencialidades pedagógicas das duas modalidades (página inicial e grupos fechados) são diferentes, apresentamos seguidamente as diferenças encontradas ao longo do estudo (quadro 2), sendo que estas interferiram nas atividades implementadas e nos resultados obtidos nesta investigação

Ações / Modalidade	Página inicial	Grupo fechado
Utilizadores	Todos os 'Amigos'	Membros de cada turma
Permite:		
- partilhar ligações, vídeos, fotografias, páginas web	X	Apenas algumas
- adicionar fotos, vídeos	X	X
- adicionar sondagens		X
- criar eventos		X
- enviar ficheiros em formato pdf, ppt,...		X
- criar documento editável		X
- chat de grupo		X
- trocar mensagens privadas	X	X
- publicar e adicionar comentários	X	X
- identificar quem vê as publicações		X

Quadro 2 - Diferenças entre Página inicial e Grupo fechado

Os grupos fechados têm a vantagem de constituir um espaço reservado, o que faz com que todas as atividades realizadas sejam recebidas e visualizadas apenas pelos membros do grupo, expondo-se menos a outros 'amigos' para além de que, tal como está evidenciado no quadro 2, oferece igualmente mais potencialidades de uso para fins educativos.

Ao longo do período de utilização da página, constataram-se diferentes atitudes consoante o tipo de ação ou momento da publicação, mais incipiente na fase inicial e mais participada durante o terceiro período letivo.

A página inicial foi utilizada mais com carácter informativo, nomeadamente para celebração de dias relacionados com a Geografia, para partilhar publicações cujo conteúdo consideramos importante dar a conhecer, para partilhar jogos assim como frases ou publicações de carácter mais geral, no sentido de captar a atenção dos alunos.

A análise das atividades na página inicial permitiu evidenciar uma participação insatisfatória bem como irregularidade nas reações ao longo dos meses. Perante os resultados obtidos, pareceu-nos estar patenteado que os alunos se sentem 'intimidados' num espaço aberto a outros que não apenas o espaço turma, inclusive até para colocar "gosto" nas publicações, uma das ações mais frequente dos alunos no *Facebook* de acordo com o inquérito inicial aplicado aos alunos.

Segue-se uma análise às atividades por ano de escolaridade, que corresponde também aos 3 grupos criados. Desta forma, no que diz respeito ao grupo do 7.º ano verificou-se que os alunos foram, na generalidade, bastante participativos e que houve um aumento da atividade no grupo a partir do mês de março. Pensamos que este resultado positivo teve um forte contributo da visita de estudo, em que lançamos o "concurso da melhor fotografia da visita de estudo". A partir daí os alunos mostraram-se participativos e a maioria foi expondo o seu interesse, havendo ainda a preocupação em responder a questões colocadas conjuntamente com as publicações. Outro aspeto muito positivo e que os alunos instintivamente desenvolveram foi o de se ajudarem mutuamente, particularmente durante o estudo para a disciplina, parecendo que muitos estavam de forma síncrona ligados ao grupo aquando da preparação das provas de avaliação escritas, muitas vezes até de forma descontraída.

Relativamente ao grupo do 8.º ano constatou-se nitidamente uma mudança no sentido de aumento na participação dos alunos a partir do 3.º período, período durante o qual foram colocados desafios aos alunos como trabalho de casa e cuja alternativa para os discentes sem *Facebook* foi apresentarem respostas por *e-mail*. Além destes desafios que foram bastante participados, refletindo o cuidado de muitos dos alunos no sentido de serem mais cumpridores e com isso obter melhores resultados na avaliação final na disciplina, este espaço foi muito solicitado por eles para sanar dúvidas nas vésperas das provas de avaliação escritas, tendo o material de apoio anexado na página do grupo servido como motivação para os alunos. Também estes tentavam, por vezes, ajudar-se mutuamente no esclarecimento de dúvidas, especialmente quando o professor não estava *online*. O *Facebook*, neste caso, acabou também por ser uma forma de

colmatar o facto de haver apenas 90 minutos semanais de aulas na disciplina.

No que concerne ao grupo do 9.º ano destacou-se a sua fraca participação, o que nos exigiu maior reflexão.

Tendo presente que os alunos haviam mencionado as visitas de estudo como a estratégia pedagógica da sua preferência, tentamos assim motiva-los através de uma visita de estudo, disponibilizando-se posteriormente as nossas fotografias e solicitando que também partilhassem as deles. Como resultado houve poucas reações através do 'gosto' e nenhuma partilha. Só suscitou reação a sondagem que solicitava a sua opinião acerca da visita de estudo.

Foram igualmente publicadas notícias acompanhadas por questões, as quais, apesar de sem resposta no *Facebook*, quando eram referenciadas na aula se percebia que muitos dos alunos até as liam, embora de forma superficial, mesmo as relacionadas com o conteúdo que tinha reunido a maioria das preferências aquando do inquérito inicial.

Outro aspeto curioso, é que ao contrário dos 7.º e 8.º anos, não recorriam à página para esclarecer dúvidas durante a preparação para as provas de avaliação escritas, sendo que até o material de apoio anexado era pouco visualizado, demonstrando que continuavam a recorrer ao caderno diário e ao manual escolar para o seu estudo.

Informados que, no terceiro período, seria considerada na avaliação contínua a sua participação na página, verificou-se um aumento do número de publicações comentadas pelos alunos, em resposta a questões colocadas relacionadas com conteúdos previamente lecionados. Mas mesmo assim, na maioria delas por um reduzido número de membros. No entanto, nos últimos dois desafios quando considerados como trabalho de casa, deu-se um aumento da participação em termos de número de alunos e, mesmo não sendo uma participação 'em massa', certo é que esteve de acordo com aquilo que já acontecia com outros trabalhos de casa extra *Facebook*.

Com efeito, apesar dos alunos do 9.º ano serem os que despendem mais tempo nas redes sociais (como verificamos através do inquérito inicial),

estes mostraram-se pouco disponíveis para o canalizar para atividades relacionadas com o estudo e a escola. Pensamos que no cerne desta falta de participação está o que estes alunos (e até mais do que os do 7.º e 8.º anos) já tinham deixado patente no inquérito inicial: de que o *Facebook* é, para eles, essencialmente uma forma de comunicar e fazer amigos, aspeto em parte refletido quando 29% destes alunos assumiram que não é possível aprender Geografia através do *Facebook*.

A acrescentar a tudo isto há ainda o facto de um número significativo dos membros deste grupo ser pouco empenhado nas tarefas escolares dentro e fora da sala de aula, pelo que manifestam uma atitude similar perante a página.

Apesar de tudo, a principal variável que poderá ter contribuído para esta reduzida participação é, na nossa opinião, o facto de no mesmo grupo estarem integradas duas turmas diferentes, pelo que, à semelhança do que acontece em aula, alunos mais tímidos têm ainda mais dificuldade em se expor perante colegas de outra turma e preferirem passar despercebidos.

Outra função que o mural do *Facebook* apresenta dentro dos grupos fechados é a de saber automaticamente, no canto inferior direito, o número de membros que visualizaram determinada publicação. Clicando em cima, ainda podemos identificar os membros que viram (figura 3) e os membros que não viram e quando é que estes últimos estiveram *online* nas últimas 24 horas.

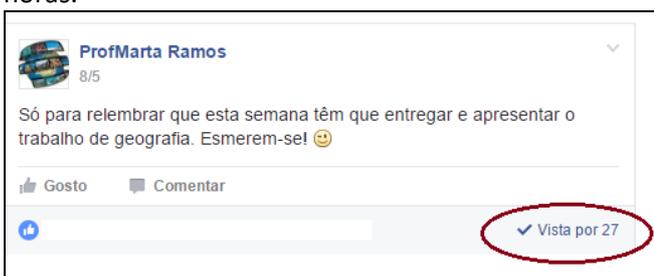


Figura 3 – Número de visualizações a um aviso numa publicação (no grupo do 9.º ano)

Portanto, com esta opção, controla-se melhor a atividade e participação dos alunos nas publicações e nas atividades e desafios propostos na rede social. Debruçando-nos sobre esta situação apercebemo-nos que nem todos viam as publicações, o que também contribui para explicar uma menor atividade dos alunos. Neste caso, e atendendo ao tipo de alunos que geralmente

estavam na lista dos que “não viram”, consideramos que tal poderá estar relacionado com o pouco interesse pelas atividades escolares e não querer misturar escola com lazer. Concomitantemente, também poderá associar-se ao facto de a maioria dos nossos membros do grupo terem demasiados ‘amigos’, pelo que não conseguem acompanhar muitas das publicações. Em prol deste argumento é o facto de um discente ter referido que não via as publicações da professora, ao que um dos colegas respondeu que tinha a página nos favoritos para ter acesso prioritário.

Outro aspeto, a salientar, é que, ao contrário do concluído por Amante *et al.* (2008, p.107), as intervenções produzidas não foram, em alguns casos, mais cuidadas e refletidas. Na realidade, alguns alunos mantêm a linguagem corrente do discurso oral e no relacionamento entre eles, embora melhor do que a que habitualmente utilizam nos comentários entre si nas respetivas páginas pessoais do *Facebook*. Na nossa opinião esta situação poderá estar relacionada com a imaturidade dos alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico, com o ‘amadorismo’ no uso de plataformas de aprendizagem bem como com o hábito de utilizarem o *Facebook* apenas como forma de lazer. Assim sendo, foi necessário pontualmente remover comentários com linguagem indevida e advertidos os infratores.

Da mesma forma, não verificamos que a necessidade de participar e de intervir neste ambiente de aprendizagem tenha sido muito diferente da observada em situações *face a face*. Com efeito, os alunos mais interventivos e participativos na página foram os que habitualmente já o eram em contexto de sala de aula.

Face aos resultados das atividades obtidas na página do *Facebook*, verificamos:

- dificuldade em induzir a participação, sobretudo numa fase inicial de ‘reconhecimento e desconfiança’;
- diferenças de participação nos diferentes níveis de escolaridade, sendo maior no menor nível de escolaridade e no grupo mais pequeno;
- maior participação nos grupos fechados do que na página principal;
- a participação apenas ocorre quando provocada pelo professor, com exceção do

esclarecimento de dúvidas nas vésperas das provas de avaliação escritas;

- atendendo ao número de membros (e mesmo sendo maior quando comparada com amostras de outros estudos), há pouco retorno nas publicações informativas/avisos;
- os estudantes valorizam o facto do professor estar disponível *online* para esclarecimento de dúvidas ou outro assunto relacionado com a vida escolar, mas não estão ainda disponíveis para tarefas mais complexas e críticas;
- introduzida a variante competição e/ou 'prémio', aumenta a participação;
- sem a componente 'avaliação' são poucas as participações, pelo que a partilha de informação por parte dos alunos só é eficaz quando assume a forma de instrumento de avaliação.

Embora os alunos tenham aderido à página em diferentes momentos (e alguns deles já próximo do fim do ano letivo e, como tal, o proveito ter sido obviamente menor), analisadas as justificações apresentadas e os resultados da opinião geral dos alunos (gráfico 1), concluímos que os resultados são positivos e que os alunos se sentiram mais motivados para a disciplina e apoiados no seu estudo (59%).

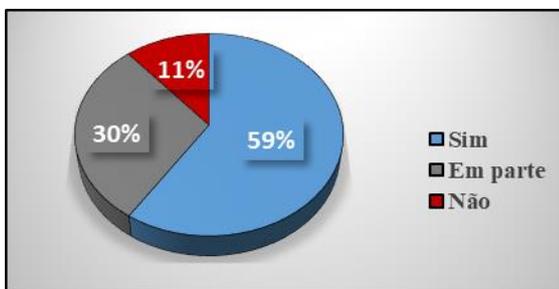


Gráfico 1 – Opinião dos alunos quanto ao contributo da página Prof Marta Ramos para melhoria do seu estudo e motivação na disciplina de Geografia

Por último, pedimos ainda aos alunos para avaliar globalmente o uso do *Facebook* no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia, destacando-se 51% a considerar que ficou satisfeito e 29% muito satisfeitos. Os restantes 20% espelham os alunos com uma atitude displicente com a página, por vezes alegando não querer misturar entretenimento com escola⁷.

⁷ Donlan (2014, p.575) chama a atenção para um facto que, embora a estes níveis de escolaridade possa não ser muito relevante, não deixa de ser importante

4. Considerações finais

Num mundo em constantes mudanças tecnológicas, fortemente mediatizado e onde as redes sociais são meio privilegiado de comunicação, exercendo uma forte influência sobre os jovens que encontramos atualmente nas escolas, coloca-se uma importante questão aos professores: como adaptar e integrar as novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Por meio de diferentes dispositivos, os alunos acedem a filmes, reportagens, jogos, jornais e informações oriundas de diferentes fontes, pelo que as práticas pedagógicas convencionais despertam pouco interesse e não estimulam os alunos a aprender. Neste contexto, o professor desafia-se e é sistematicamente desafiado a mudar e inovar, sendo estimulado a refletir nas suas práticas, visando diversificar metodologias, que passam por concretizar atividades mais interativas, atraentes, práticas e significativas para os alunos.

De facto, a Geografia é uma ciência em constante atualização, cabendo-nos a missão enquanto professores de auxiliar os alunos a compreender o Mundo e o seu lugar nesse Mundo, a compreender as interações entre o meio físico e humano e a prepará-los para o futuro nesta “aldeia global”, desenvolvendo os valores da cidadania, diversidade e respeito pelo outro e pelo espaço comum que importa preservar, sensibilizando-os para a necessidade de serem cidadãos ativos, críticos e interventivos. Por isso, o nosso percurso profissional, mesmo em clima de constante incerteza, é o desbravar de caminhos e ações para que os nossos alunos sejam futuramente bons “cidadãos geograficamente competentes” (Orientações Curriculares do Ensino Básico – 3.º ciclo, 2002).

Neste contexto, acreditamos que este estudo constitui um contributo válido para podermos considerar o *Facebook* um ‘valor acrescentado’ na didática da Geografia, por todas as funcionalidades que este espaço nos permite aplicar, sendo uma alternativa mais eficaz que o *e-mail*, instrumento normalmente mais utilizado pelos professores

quando se pretende utilizar o FC como estratégia de aprendizagem: (...) several students report that, given the primarily social function of sites such as Facebook, there would be too many distractions if trying to use Facebook educationally.

como forma de comunicação e partilha de materiais didáticos. No entanto, temos a percepção de que as conclusões não podem ser generalizadas, uma vez que, como verificamos durante o nosso próprio estudo, alunos com características diferentes implicam resultados distintos.

Com base na análise dos resultados obtidos consideramos que a experiência desenvolvida foi positiva e nos permitiu atingir os seguintes objetivos:

- identificar a possibilidade de utilização do *Facebook* no processo ensino-aprendizagem da Geografia;
- contribuir para aumentar a motivação dos alunos;
- aproximar os temas atuais (as notícias e informações de interesse geográfico) aos conteúdos lecionados em sala de aula e, com isso, aumentar a curiosidade geográfica;
- apoiar e estender no tempo e espaço as atividades letivas do professor e o estudo dos alunos.

Esta experiência educativa permitiu ainda, na nossa perspetiva, aumentar a comunicação entre professora e alunos, melhorar a relação professora-alunos, assim como contribuiu para uma melhoria dos resultados escolares.

Sabemos que os temas atuais despertam um maior interesse e proximidade ao aluno. Como a sala de aula de Geografia não é “uma sala de leitura de artigos de revistas e jornais”, muitas vezes apenas evocamos oralmente as questões da atualidade a diferentes escalas relacionando-as com os assuntos de aula, o que os torna mais significativos para os alunos. Em alternativa, como o fizemos quando possível durante este estudo, se publicarmos previamente as notícias e curiosidades na página do Facebook estas podem ser exploradas em aula de uma forma mais clara, contribuindo para estimular a curiosidade e reflexão sobre os assuntos a estudar e para tornar as aulas mais interessantes e significativas devido ao facto dos alunos já estarem mais envolvidos nos assuntos. Esta estratégia foi utilizada de forma mais expressiva sob a forma de consolidação de conhecimentos, com o intuito de apelar à leitura, assim como para criar o hábito de consulta de documentos de interesse geográfico com vista a tornar a aprendizagem mais profícua.

Face aos resultados obtidos, a maioria dos alunos manifestou a sua satisfação perante o uso do Facebook no processo ensino-aprendizagem, considerando que a mesma contribuiu para a melhoria do estudo e para o aumento da motivação para a disciplina, tendo sido muito valorizado o espaço de interação com o professor fora da sala de aula, mediado por esta rede social. A disponibilização de materiais didáticos de apoio captou igualmente a atenção dos discentes, bem como o esclarecimento de dúvidas síncrona ou assincronamente reforçada pela cooperação entre colegas, o que contribuiu para um aumento do envolvimento dos alunos com a disciplina.

Conclui-se ainda que a utilização das redes sociais pode ser uma forma de transmitir e relembrar trabalhos e tarefas de casa, trabalhos escolares, para transmitir informações, para recordar prazos de entrega, para promover atividades, para partilhar vídeos, notícias complementares aos conteúdos e materiais didáticos. Para o professor, poderá ser uma forma de maior proximidade com os alunos fazendo face a aspetos como o excesso de alunos na sala de aula, a falta de tempo em resultado de um currículo demasiado extenso e uma oportunidade do aluno expor as suas opiniões e dúvidas que poderá, por timidez, não o fazer por iniciativa em sala de aula. O Facebook pode, assim, ser uma extensão da sala de aula (Patrício & Gonçalves, 2010) e poderá introduzir um formato diferente na relação professor-aluno (Costa & Ferreira, 2012; Pacheco et al, 2015).

Outra das potencialidades educativas do Facebook é a aprendizagem colaborativa, cooperativa e interativa (Minhoto, 2012; Costa & Ferreira, 2012) e o desenvolvimento da reflexão crítica (Minhoto, 2012; Patrício & Gonçalves, 2010). Daí que Phillips, Derek & Fogg, (2011, citado por Almeida et al., 2013, p.7096) afirmem que as redes sociais podem ser utilizadas como uma ferramenta pedagogicamente útil pela partilha de conteúdos, e como espaço de comunicação e reflexão para os utilizadores.

Para o sucesso no uso desta plataforma ser efetivo, o professor tem de ir ao encontro dos interesses dos alunos, inserindo publicações em que o cinema, a imprensa, a literatura, a música, os jogos...enfim, o seu dia-a-dia, esteja presente para conseguir captar a sua atenção e motivar a sua participação. No entanto, como vimos, é

importante introduzir a vertente de avaliação: muitos alunos só se envolvem em determinadas atividades do processo de ensino-aprendizagem se tal se refletir na sua avaliação, como também ficou evidenciado no estudo de Pacheco et al. (2015) em que as respostas de carácter obrigatório foram bastante mais participadas do que nas 'induzidas'.

Por outro lado, o Facebook também oferece aos professores, através da sua rede de relações pessoais ou de grupos (da rede) especializados nas suas disciplinas, a possibilidade de trocarem informações, opiniões, experiências educativas e materiais. Todavia, a intensidade da sua utilização vai obviamente variar consoante o nível de familiaridade dos professores com estas ferramentas, bem como a sua motivação, disponibilidade e interesse pessoal.

De facto, na nossa opinião, o sucesso no uso do Facebook enquanto ferramenta educativa estará, por um lado, dependente da metodologia proposta pelo professor, da sua intervenção junto dos alunos, motivando-os para a busca do conhecimento, pela colaboração interativa e pelo feedback dado pelo professor à sua participação e, por outro, dependente dos próprios alunos que são todos diferentes.

“A inovação das práticas educativas, em particular a que implica a utilização de tecnologias, exige dos professores investimento intelectual considerável e muito tempo (...)” (Pouts-Lajus; Riché-Magnier, 1998, p.125), pelo que esta poderá ser uma das maiores limitações ao uso mais generalizado do Facebook pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem. Ao professor exige o necessário tempo para acompanhar a atualidade e organizar a informação/ notícias/ dados que vai recolhendo sobre os vários assuntos desenvolvidos em aula, para além do que se prende com o atendimento online aos alunos.

Outras das limitações, que também verificamos durante o nosso estudo (para além das que se prendem com a privacidade e (in)segurança na rede), é a sua restrita utilização/divulgação para fins educativos, pelo que o seu acesso é mesmo restringido em muitas escolas de Ensino Básico e Secundário e, mesmo em casa, alguns pais também o fazem como forma de castigo ou limitam o seu uso durante o período de aulas por ser um meio de distração.

Referências bibliográficas

Almeida, D.; Paixão, A.; Magalhães, A. & Freitas, D. (2013). Redes sociais digitais no ensino de Matemática: impressões de professores do Ensino Superior. *Actas del VII CIBEM*, Montevideo-Uruguay, pp.7090-7097.

Amante, L.; Quintas-Mendes, A.; Morgado, L. & Pereira, A. (2008) – Novos contextos de Aprendizagem e Educação online. *Revista portuguesa de pedagogia*, ano 42-3, pp.99-119. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261669680_Novos_Contextos_de_Aprendizagem_e_Educao_Online. Acesso em 28/08/2016.

Castells, Manuel (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp.1-18. Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%C3%B3sio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/64%20Sonia%20Augusta%20de%20Moraes.pdf>. Acesso em 29/08/2016.

Costa, A. & Ferreira, A. (2012). Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem mediados pelas redes sociais Twitter e Facebook. In *REnCiMa*, vol.3, n.º2, pp.136-147. Disponível em: <http://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/r encima/article/viewFile/494/413>. Acesso em 12/09/2016.

Delors, J. et al. (1996). *Educação, um tesouro a descobrir* (Coleção Perspectivas Actuais). Porto: Edições Asa.

Donlan, L. (2014). Exploring the views of students on the use of Facebook in university teaching and learning. *Journal of Further and Higher Education*. Vol. 38(4), pp.572-588.

Minhoto, P. (2012). *A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia: estudo de caso numa turma do 12º ano* (Dissertação de Mestrado em Ensino das Ciências). Bragança: Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6864>. Acesso em 02/03/2016.

Ministério da Educação (2002). *Geografia - Orientações curriculares, 3.º ciclo*. Lisboa:

Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.

Pacheco, E.; Martinha, C.; Soares, L. & Costa, A. (2015). Redes sociais como recurso didático – ensaios no ensino da Geografia da Universidade do Porto. *Investigar para Innovar en la enseñanza de la Geografía*. Alicante: CEE Limencocop S.L, pp.360-370. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81169>. Acesso em 15/08/2016.

Patrício, M. & Gonçalves, V. (2010). Facebook: rede social educativa?. *I Encontro Internacional TIC e Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, pp. 593-598. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>. Acesso em 27/08/2016.

Patrício, M. & Gonçalves, V. (2010). *Utilização educativa do facebook no Ensino Superior*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2879>. Acesso em 29/08/2016.

Pereira, M. & Silva, B. (2009). A relação dos jovens com as TIC e o factor divisão digital na aprendizagem. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9953>. Acesso em 29/08/2016.

Ponte, J. P. (2000). Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que desafios? *Revista Iberoamericana de Educação*, n.º 24 OEI, pp.63-90. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.PDF>. Acesso em 30/08/2016.

Ponte, J. P (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre prática profissional*. Lisboa: APM, pp.5-28. Disponível em: <http://www.ipb.pt/~mjt/documdisciplinas/investigaranossa.pdf>. Acesso em 02/09/2016.

Pouts-Lajus, S. & Riché-Magnier, M. (1999). *A escola na era da internet* (Coleção Horizontes pedagógicos). Lisboa: Instituto Piaget.

Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, vol. 9, n.º 5.

Siemens, George (2004). *Connectivism: A learning theory for the digital age*. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>. Acesso em 09/09/2016.

Silva, L. & Ferreira, C. (2000). O cidadão geograficamente competente: competências da Geografia no Ensino Básico. *InforGeo n.º15 - Educação Geográfica*. Lisboa: Edições Colibri, Associação Portuguesa de Geógrafos, pp.97-108.